

Literatura Cubana na Era da Insurreição Negra: Manzano, Plácido e Religião Afro-Latina¹

Em memória de Marielle Franco,

Eu quero dizer muito obrigado ao Professor Yuri Brunello, coordenador do programa de Literatura Comparada aqui da Universidade Federal do Ceará. É um prazer estar aqui com vocês.

O título da minha fala hoje é “Literatura Cubana na Era da Insurreição Negra: Manzano, Plácido e Religião Afro-Latina”, e é baseada no meu próximo livro que será publicado pela editora da Universidade do Mississípi, em janeiro.

Nós vivemos numa importante conjuntura histórica, um momento em que as vociferantes vozes do autoritarismo transformam competidores em inimigos, ameaçam a sacralidade das urnas e confundem fato com ficção. Essas vozes amargas desqualificam a própria noção da verdade. Líderes autoritários profetizam uma democracia em ruínas; eles idealizam uma sociedade na qual seus adversários sejam silenciados ou até desapareçam. E eles trabalham incansavelmente para construir um mundo onde a legitimidade de seu líder não seja questionada.

Entretanto, estou interessado em abordar o problema de regimes autoritários olhando para a Havana colonial, em vez do Brasil do século XXI. Devemos reavaliar antigas sociedades escravagistas a fim de compreender adequadamente o surgimento de regimes autoritários em todo o mundo.

¹ Palestra proferida pelo Professor Matthew Pettway, da Universidade de Alabama do Sul, no dia 19 de setembro de 2019, em aula inaugural do período letivo do PPGLetras/UFC.

Sociedades escravocratas não são relíquias de um passado bárbaro e longínquo. Sociedades escravocratas constituem um regime autoritário e arcaico que requer pouco, ou nenhum subterfúgio, pouco, ou nenhum disfarce, para legitimar seus exercícios de poder. Elas não se atêm aos direitos universais humanos, tão frequentemente aclamados em democracias liberais e, ainda assim, inacessíveis aos seus cidadãos mais vulneráveis. Sociedades escravocratas morrem, mas não se decompõem. Citamos os exemplos dos Estados Unidos, onde a escravidão foi abolida em 1865, de Cuba, onde a escravidão foi abolida em 1886, e aqui no Brasil, onde a escravidão foi abolida em 1888. Sociedades escravocratas morrem, mas não desaparecem; elas não se decompõem. Antigas sociedades escravagistas trocam uma estrutura de legitimidade por outra. Elas substituem uma tecnologia de poder por outra. Mas, as mesmas ‘regras de fé’ permanecem: a crença na hierarquia racial, a doutrina da supremacia branca e uma sede insaciável por força de trabalho explorável e descartável.

Em sociedades escravocratas, o silêncio é o alimento básico da dieta retórica. Discurso é considerado uma prerrogativa de poucos privilegiados. Posições sociais, em sociedades escravocratas, são organizadas divinamente e, portanto, justamente merecidas. A mobilidade social e econômica entre grupos não é apenas atípica, como também marcadamente indesejável, porque a posição de uma pessoa em sua vida é sancionada divinamente. A educação é luxo de algumas pessoas, e o pensamento crítico é anátema para coesão social – o pensamento crítico é o inimigo da união cultural em sociedades escravagistas. É amplamente aceito que a autoridade não deve ser questionada, e como as pessoas podem ser compradas e podem ser vendidas, elas são consideradas altamente descartáveis.

Hoje, eu argumento que Gabriel De La Concepción Valdés pode nos oferecer o poder necessário, ou nos dotar com o poder necessário para desafiar o autoritarismo atual. Gabriel De La Concepción Valdés foi um escritor cubano, de ascendência africana do século XIX, conhecido pelo nome de Plácido.

Plácido foi o filho de uma mulher espanhola e um homem de ascendência africana. Os pais de Plácido o abandonaram num orfanato da Igreja Católica devido a um escândalo envolvendo seu nascimento. Mas seu pai – Diego Ferrer Matoso – entregou a criança aos cuidados de sua avó negra, que o criou dentro de comunidades afrodescendentes. E, apesar do fato de que Plácido teve um complexo de cor, ele se identificava como um membro da comunidade afrodescendente.

Ele nasceu em 1809, como mencionado anteriormente, foi abandonado num orfanato, mas criado por sua avó negra. Plácido começou sua carreira literária em 1834, mas não durou muito, apenas uma década, e nesse curto período de tempo, esse poeta com ascendência africana tornou-se o mais prolífico poeta cubano do século XIX. E em 1838, quatro anos depois de começar sua carreira, sua poesia tomou um caráter político. Ele, frequentemente, mesclava ideias antirracistas com crenças espirituais advindas da cosmologia de concepção africana do universo, e eu gostaria de falar a respeito dessa concepção africana de universo hoje.

Em 1844, Plácido foi preso pela quarta e última vez. A poesia de Plácido ameaçava tomar a joia mais lucrativa do mundo da coroa espanhola, esse bem era Cuba que tinha se tornado a colônia de plantação de açúcar com mão de obra escrava mais produtiva no mundo. Assim, arditamente, a rainha regente, Maria Cristina, que coordenava o comércio de escravos da Espanha, e seu esposo, Fernando VII, em 1870, declararam que a escravidão era um benefício espiritual para os africanos.

O governo colonial espanhol respondeu a essa ameaça através da acusação de que Plácido e seu contemporâneo, Juan Francisco Manzano, estavam planejando uma “conspiração organizada pelas pessoas de cor [...] para exterminar [...] a população branca dessa ilha”². O governo espanhol declarou que Plácido e seus aliados tinham se comprometido com métodos políticos em seus propósitos racialmente direcionados em uma “poética alusiva a planos contrários ao da tranquilidade e segurança da ilha”, e em seu juramento.

Cuba se tornou uma sociedade escravocrata em um período curto de tempo, em cinquenta anos, mais ou menos, um pouco mais do que isso, ao contrário do Brasil, onde esse processo se desenvolveu por séculos. Entre 1801 e 1850, o comércio de escravos do Atlântico levou mais de meio milhão de pessoas da África para Cuba. Trata-se de um número surpreendente de pessoas usurpadas de seus lares, arrancadas. Mais africanos foram levados para Cuba durante esse período de tempo do que em qualquer outro lugar na “América”, com exceção do Brasil. Por volta de 1827, africanos e seus afrodescendentes compunham a maioria da população de Cuba.

2 Esta citação encontra-se em *Sentencia pronunciada* propriedade da Universidade de Harvard na Coleção “José Augusto Escoto Cuban History and Literature Collection” (MS Span 52), Houghton Library,

Eu proponho uma série de questões acerca de um soneto que Plácido publicou em 1840, apesar da meticulosa monitoração da censura espanhola. A primeira pergunta é retórica:

- a) O que vocês aprenderam ao crescerem numa antiga sociedade escravocrata?
- b) E o que podemos aprender do soneto de Plácido, “O Juramento”? O que ele pode apresentar a respeito da resistência efetiva contra o autoritarismo?
- c) Como um poeta pobre, sem educação formal, sem experiência militar que se possa mencionar, e sem experiência em diplomacia, representar uma ameaça política para um dos maiores impérios do mundo moderno?

Plácido era pobre, teve educação apenas até o sexto ano, algumas de suas educadoras eram mulheres de ascendência africana, ele não fez parte de infantaria e não foi diplomata.

Vou examinar o soneto *O Juramento*, de 1840, como um esquema para subverter a estrutura autoritária que sustentava a sociedade escravocrata de Cuba. A violência gráfica no poema *O Juramento* direciona muitos leitores a concluir que se trata de um chamado às armas contra o governo colonial espanhol, de fato, foi isso. Plácido compôs o poema a fim de incitar rebelião contra o regime espanhol pró-escravidão. Mas acredito que *O Juramento* serviu a um objetivo político maior. Minha afirmação principal é que *O Juramento* desconstruiu a estrutura de autoridade na qual a sociedade escravocrata se apoiava. A autoridade espanhola que escravizava africanos foi baseada na premissa da supremacia branca e na ordem católica de proselitismo, o propósito de converter nações não-cristãs. Assim, a supremacia branca tinha o direito católico de converter nações não-cristãs, mas isso era apoiado pelo poder militar do Império Espanhol.

O Juramento, de Plácido, constituía uma ameaça ao poder da Espanha colonial porque seu juramento de lealdade obliterava a diferença racial entre negros e mulatos. Seu juramento unia todas as pessoas de ascendência africana como uma única unidade política. O juramento de Plácido, efetivamente, desonrou a coroa espanhola. A monarquia considerava que o catolicismo era a única religião verdadeira. O juramento de Plácido ameaçou a Santa Trindade, mas não a Santa Trindade do Pai, Filho e Espírito Santo; a santa trindade da escravidão, religião e lucro, pois seu poema aludia a práticas espirituais afro-caribenhas que questionavam o catolicismo e subvertiam sua autoridade.

Gostaria de me deter, brevemente, em alguns termos e defini-los. Um deles é sociedade escravocrata; o que eu quero dizer com sociedade escravocrata? É qualquer sociedade onde o trabalho é definido pela prática e institucionalização da escravidão. Dessa forma, o trabalho é baseado na posse do trabalhador e esse trabalho pode ser herdado. Esse trabalhador pode ser deixado para o filho ou a filha de seu dono, ou para a família do dono, e isso pode ser perpetuado indefinidamente. O escravo é um instrumento; dentro de sociedades escravocratas, entre 25% e 50% de pessoas são escravas. Os Estados Unidos poderiam ser qualificados como uma ex-sociedade escravocrata, Cuba se qualifica como uma ex-sociedade escravocrata, assim como o Brasil.

Pensemos a respeito do juramento. O teórico italiano Giorgio Agamben afirma que juramentos habitam as interseções entre religião e política. Juramento é uma aliança política entre diferentes interlocutores, diferentes pessoas envolvidas em uma conversa. Agamben escreve que: “o juramento é [a] experiência performativa originária da palavra”. E há crises políticas quando os indivíduos que fizeram um juramento desrespeitam ou desonram esse juramento. Assim, Plácido colocou-se entre os seguidores de seus constituintes na situação politicamente perigosa ao repudiar “o juramento” que havia feito.

O juramento também é importante para as insurreições de afrodescendentes na América Latina. Juramentos eram feitos, frequentemente, no início dessas insurreições. Na Jamaica, na Revolta de Tacky, o juramento foi importante, Nat Turner, nos Estados Unidos e, certamente, a Revolução Haitiana, de 1791 a 1804, começou com um juramento. Para que uma pessoa de ascendência africana tivesse poder político, primeiramente, ela precisaria de uma autoridade sagrada.

Gostaria de tirar o momento e falar a respeito de cosmologia. Por cosmologia, deveríamos realmente considerar a definição de Wyatt MacGaffey: “um certo conceito de universo e de lugar do homem dentro dele”. Eu parafraseio como “humanidade” dentro dele. Cosmologia é como regra gramatical, é algo que falantes nativos têm como garantido, por exemplo: falantes nativos de português podem ter dificuldade de explicar a gramática, mas eles sabem como ela funciona. Cosmologia é um tipo de tema que se mostra em muitos lugares, que é codificada na prática social, que é tida como conhecimento verdadeiro acerca do universo e como ele funciona.

As concepções africanas de universo são baseadas no princípio de não-contradição. O poema de Plácido, “O Juramento”, está impregnado de metáforas da

natureza que aludem às concepções africanas do universo. Eu li o poema por suas alusões à espiritualidade da África Centro-Occidental, mais especificamente por seu subtexto religioso congo-cubano.

Gostaria de falar um pouco sobre o a região centro-oeste da África. Em Cuba, nos séculos XVI e XVII, africanos do Reino do Congo ou estados vizinhos... vamos começar aqui com este mapa do centro-oeste da África, onde pode-se ver a região do Kongo, onde pode-se ver Angola, “mar” de Angola, é onde estava localizado o Reino do Congo, e isso é importante para entender as ideias espirituais que estão embutidas no poema “The Oath”.

Gostaria de falar também sobre os Bakongo. Os Bakongo foram o povo africano mais religioso e culturalmente coeso dentre os muitos povos levados para Cuba nos dois primeiros séculos do colonialismo espanhol. O Reino do Congo era a força política predominante no centro-oeste da África, e os Bakongo gozavam de uma ampla esfera de influência religiosa e política que cobria uma grande extensão desta região, como os países do Gabão, Angola, Congo e a República Democrática do Congo.

Neste mapa do Congo do século XVII, podemos ver o norte e o Congo, contornado em verde.

A cosmologia congoleza não é tão focada nos espíritos divinos como a cosmologia Iorubá. Os espíritos divinos dos Orixás definitivamente existem, podemos pensar em Salvador da Bahia, onde eles têm os Orixás na cidade; pode-se perceber isso assim que se entra na cidade. Eles certamente existem, mas a cosmologia congoleza enfatiza o que é chamado de *nganga*, que é o eixo da prática ritual. A socióloga Jualynne Dodson explica que, na religião congo-cubana, o *nganga* tem três significados:

- a) um caldeirão cheio de objetos materiais sagrados.
- b) a força espiritual de um praticante poderoso da tradição inspirada naquela do Congo.
- c) os praticantes aproveitam as energias dos restos mortais e objetos do mundo natural em rituais que visam mudar o resultado dos acontecimentos.

Em relação à cosmologia congoleza, faz-se necessário entender que, se alguém entra na floresta, essa pessoa deve responder às exigências da floresta, porque ela tem sua própria estrutura de governo.

Vamos ler um trecho de *Flash of the Spirit*, do historiador da arte Robert Farris

Thompson:

Em Cuba, [...] há a fiel honra da floresta, *el monte* – literalmente *a montanha* – como uma fonte de poder curativo. Eles compreendem que esta catedral permanente de sombra e umidade pertence a Ossain e a Deus, e, portanto, deixam pequenos sacrifícios como pagamento pelas ervas e raízes subtraídas de seu reino, pois “cada árvore, cada arbusto e erva tem seu mestre, e seu protocolo”.³

Portanto, essencialmente aqui quero que pensemos sobre a floresta não somente como um lugar para obter madeira, como um lugar para construir móveis, mas como uma catedral permanente da sombra.

Tenho aqui uma segunda citação a respeito da força da natureza selvagem, da acadêmica cubana Lydia Cabrera, em seu livro *El Monte*. Lydia Cabrera explica: “Nós, negros, vamos à montanha na floresta selvagem como se ela fosse uma igreja, porque está cheia de Santos e dos falecidos, para pedir o que precisamos para a nossa saúde e para os nossos negócios. Ora, então: se devemos respeitar a casa de uma pessoa, na casa dos santos não deveríamos ser ainda mais reverentes?”⁴.

Examinarei, portanto, a fonte, a terra e a árvore imponente como exemplos de *el monte* junto à floresta selvagem no soneto de Plácido, “The Oath”. Há, portanto, três imagens nas quais eu gostaria que prestássemos atenção: *la fuente, la tierra y el árbol*.

O poema de Plácido é um soneto, mas ele não foi a primeira pessoa de origem africana a criar sonetos em Cuba. Uma mulher chamada Juana Pastor publicou um soneto em 1815, assim como outros poemas. Quero ressaltar que Plácido não foi a primeira pessoa de origem africana a publicar um soneto. Ele apresentou seu famigerado soneto “The Oath” vinte e cinco anos depois de Juana Pastor. Alguns de seus poemas sobreviveram. Embora seu poema não desafiasse as convenções estéticas, ele perturbava as políticas. Nele, há os tercetos e as quadras, nesse sentido é um soneto típico, mas as palavras, a essência e o imaginário são subversivos.

3 “In Cuba, [...] there’re the faithful honor of the forest, *el monte* – literally *the mountain* – as a source of healing power. They realize that this standing cathedral of shade and moistness belongs to Osanyin and to God, and so they leave small sacrifices in payment of herbs and roots subtracted from his realm, for “every tree, every shrub and herb has its master, and its protocol” (Farris Thompson, *Flash of the Spirit* p. 42).

4 “We blacks go to the forested mountain wilderness as if it were a church, because it is filled with Saints and the deceased, to ask for what we need for our health and business dealings. Now then: if one should be respectful in someone else’s house, in the house of the Saints shouldn’t one be even more reverent?” (Cabrera, *El Monte* p. 15).

A essência das palavras do poema exigia uma leitura improvisada baseada em circunstâncias, contexto e gestos retóricos. Mais uma vez, o altar da terra endurecida, a árvore imponente e a fonte de águas doces serão meu foco aqui. Lerei minha tradução de “The Oath” para o inglês, na íntegra.

Esta é a capital do Reino do Congo. É uma imagem de 1600, no século XVII. Portanto, é no topo da montanha que se encontra a capital do reino africano do Congo. Isso é importante porque aqui no Brasil, por exemplo, um grande número de descendentes de africanos ou “afrodescendentes” vêm do centro-oeste da África, desta mesma região, por isso creio que é pertinente para a discussão de hoje. Também quero ressaltar que “el monte” é, literalmente, uma montanha, em referência não apenas à montanha física, mas à própria natureza selvagem, com as ervas, as plantas medicinais, na floresta habitada por espíritos. Então, se alguém entra no reino da floresta, tem que entender a estrutura de governo desse reino para não ofender os espíritos daquele local, ok?

A próxima imagem é “el monte Esquivá”, esta é uma foto feita em Matanzas, Cuba, onde Plácido realizou grande parte do seu trabalho político.

Agora, vamos ao poema:

In the shadow of a **towering tree**

That stands at the end of an ample valley

There is a **fount** that bids you

Drink its pure and silvery water

There I went by my duty called

And making **an altar** of **the hardened earth**

Before the sacred code of life,

My hands extended, **I have sworn an oath.**

To be the eternal enemy of the tyrant,

If it is possible, to tarnish, my vestments,

With his detestable blood, by my hand.

Shedding it with repeated blows

And dying at the hands of an executioner,

If need be, **to break the yoke.**)

Yoke é quando se coloca algo no pescoço, um laço.

O poder de Plácido estava na sua pena. Plácido acreditava no poder intrínseco da língua para entrar em acordo com outros descendentes africanos e para subverter a autoridade religiosa católica que legitimava o Império Espanhol. O ataque retórico de Plácido à sociedade escravista – personificada pela Rainha Isabel II – tinha dimensões políticas e religiosas.

Plácido começa pedindo permissão, reconhecendo a estrutura de governo “del monte”, então ele está prostrado, fazendo um altar da terra endurecida – está usando as mãos para fazer isso, para fazer o culto do altar. Plácido compôs o seu soneto em primeira pessoa e retratou a si mesmo como um revolucionário descendente de africanos. Mas as primeiras duas estrofes de “The Oath” também são lidas como uma tentativa de recrutar soldados para a guerra contra a escravidão. Plácido atraiu possíveis insurgentes para uma área à sombra de uma árvore imponente, onde passou a fazer um altar de “terra endurecida”. A imagem da “terra endurecida” sugere que Plácido moldou um altar a partir do solo cubano com suas próprias mãos. Ele construiu um altar por conta própria; um objeto ritual que criou sem a interferência da Igreja Católica. O altar de Plácido não santificava pela Eucaristia; pelo contrário, seu altar reverenciava a sacralidade do mundo natural.

Portanto, aqui Plácido reconhece os antepassados africanos ao olhar para a terra. No espanhol, “tierra endurecida”, *dura* em parte porque as lágrimas, o sangue, o suor dos africanos que trabalhavam na terra a endureceram. Mas ele também está moldando um altar a partir da terra com suas mãos, então dessa forma está subvertendo a imagem católica do altar para seus propósitos.

O altar de Plácido é o que Jualynne Dodson chama de “espaço sagrado”. Segundo Dodson, “espaços sagrados – localidades ou geografias de sacralidade - são representações visuais de um corpo de conhecimento comum e coletivo que foi acumulado e transmitido por praticantes religiosos ao longo de vários, se não centenas de milhares, de anos”.⁵ Em minha leitura do juramento de Plácido, a cosmologia congoleza constitui o corpo de conhecimento que inspira um espaço sagrado. As fontes de Lydia Cabrera nos lembram que “a vida nasceu de *el monte*, a vida vem da Selva – *el monte*”, “somos filhos da Selva”, “a Selva – *el monte* – é equivalente ao conceito da Mãe universal, fonte de vida. A terra e a Selva são uma só”.⁶

O altar de Plácido é consistente com os princípios centrais da cosmologia congoleza. Em seu poema, a fonte é uma fonte de vida. A fonte é um rio ou, talvez, uma fonte natural cujas águas doces alimentam “a árvore imponente” que fica ao lado do poeta prostrado. A fonte é personificada dentro do poema; porque a fonte o está chamando, os rios o estão chamando. A justaposição de “a fonte” de “água pura e prateada” e “o altar da terra endurecida” é lírica e espiritual ao mesmo tempo. A “fonte” é uma fonte de vida e de conhecimento. Sem as doces águas do rio, o mundo natural não pode sustentar a vida e a imponente árvore não pode sobreviver. *La tierra* – que pode ser traduzida para a Terra ou a terra – é equivalente ao mundo natural em sua totalidade. Neste poema, o altar da terra endurecida, a fonte das águas doces e a imponente árvore *ceiba* simbolizam *el monte*. *El monte* é um santuário de comunhão com os espíritos divinos africanos e os antepassados; é a epítome do sagrado na espiritualidade congo-cubana.

Portanto, ressalto o fato de que Plácido precisava do ritual e precisava destacar a estrutura de conhecimento do ritual a fim de edificar uma autoridade sagrada. Imagino a árvore imponente como uma árvore *ceiba*. Esta é uma *ceiba* em Cuba, pode-se ver como ela é incrivelmente grande. Os africanos reconheceram esta árvore como árvores da África ao chegarem em Cuba e podemos imaginar aquele homem, não de pé, mas prostrado, deitado diante da árvore, fazendo seu altar.

Mas as ideias de Plácido teriam sido questionadas pela Igreja Católica em Cuba. Em *Cartas a Elpidio* (1838), o padre cubano Varela, que publicou seu livro em 1838, dois anos antes do poema “The Oath”, de Plácido, observou que indivíduos supersticiosos se esforçavam para “se erguer como oráculos, talvez para abusar da autoridade a ponto de escarnecê-la ou atribuir-lhe, como fariam os falsos profetas, máximas e atos que a

⁵ Jualynne Dodson, *Sacred Spaces and Religious Traditions in Oriente Cuba*, p. 62.

⁶ Lydia Cabrera, *El Monte*, p. 13.

autoridade divina detesta e condena”⁷. Portanto, sua preocupação era que eles se considerassem como oráculos. Eles abusariam da verdadeira autoridade. Varela teria considerado Plácido como “supersticioso”, como alguém que tinha proclamado a si mesmo uma autoridade sagrada ou um oráculo. Mas Plácido desconstruiu a autoridade da Igreja Católica porque se proclamou como um recipiente para o contato com uma concepção africana do mundo espiritual.

Plácido não nos diz exatamente o aspecto do altar, não descreve os contornos físicos de seu altar e não especifica a fauna tropical ou as plantas a que ele se referia. Mas ele foi explícito sobre a função política do altar, que era um espaço sagrado para professar juramentos de lealdade “perante o código sagrado da vida”. O poema nunca revela o código sagrado da vida a seu público leitor. Plácido preservou o segredo para os correligionários que haviam sido iniciados no movimento de 1844 para abolir a escravidão e derrubar o governo espanhol. Georg Simmel explica que o segredo “oferece a possibilidade de um segundo mundo”⁸ fora do mundo que podemos ver, então existe um mundo invisível que o segredo pode criar – um mundo à parte. Então Plácido mantém em segredo o código secreto da vida.

As fontes da acadêmica cubana Lydia Cabrera explicam que “A árvore *ceiba* é um altar para os praticantes de *palo monte* que montam, constroem [e] animam seus *ngangas* e prendas sob ela. Eles os depositam sob as ceibas para que absorvam a virtude de sua sombra e os fortaleçam”⁹. Portanto, a árvore não é o altar no poema de Plácido, a terra é o altar mesmo. A silhueta sagrada da “árvore imponente” no poema de Plácido deu espaço para os insurgentes negros jurarem vingança. É isso o que Farris Thompson chamou de “a espiritualidade da floresta”, “a catedral da sombra e da umidade” que pertence ao Criador e ao espírito divino africano que governa a floresta selvagem.¹⁰

7 “[...] para erigirse en oráculo o para abusar de la verdadera autoridad hasta el punto de hacerla ridícula y atribuirle, como los falsos profetas, sentencias y hechos que la sabiduría divina detesta y condena.” (VARELA, p. 86).

8 “Georg Simmel afirma en un estudio socio-psicológico que la forma sociológica del secreto determina todas las culturas: organiza la vida política y social, y condiciona toda ficción. Define el secreto como ‘una de las mayores conquistas de la humanidad’. El secreto, según él, ‘ofrece la posibilidad de un segundo mundo aparte del mundo manifiesto, siendo que el uno influye en el otro de manera extraordinaria’.” (MAHLKE, “La reserva del etnógrafo” p. 317).

9 As fontes de Lydia Cabrera disseram o seguinte sobre a *ceiba* como um altar: “La ceiba es el altar de los ganguleros”, que bajo ella ‘montan’, construyen, animan sus *ngangas* y prendas. Estas, se depositan bajo las ceibas, para que se incorporen la virtud de su sombra y se fortalezcan”. (CABRERA, p. 166).

¹⁰ Farris Thompson, *Flash of the Spirit* p. 42)

O soneto de Plácido foi inspirado pela espiritualidade congo-cubana ao reconhecer, no poema e no ritual, o caráter sagrado da sombra em suas respectivas apresentações religiosas. Assim, em ambas as ocasiões, nas ocorrências da antropologia cultural e no poema de Plácido, a sombra da árvore é sagrada e o espiritual reside na árvore; Plácido alcança esses espíritos para fortalecê-lo no momento da insurreição.

Além disso, a ênfase de Plácido na natureza como espaço sagrado foi um contraponto poderoso aos métodos pró-escravatura de exploração de antigas terras indígenas. Os latifundiários pró-escravatura exploravam a terra e esgotavam o solo. Assim, em 1815, o rei espanhol concedeu aos proprietários a liberdade total para cortar as árvores de que precisavam para a madeira, para engenhos de açúcar e para lenha. A abordagem da terra foi a antítese da ideia de Plácido sobre ela quando eles trouxeram, como disse antes, mais de meio milhão de africanos para a terra a fim de trabalhar nela contra sua vontade.

Plácido trabalhava na terra por conta própria, mas através do prisma da espiritualidade congo-cubana. Esse trabalho ritual em terras sagradas taínas e arawaks buscava destruir o sistema de trabalho escravo que havia saqueado *el monte* e destruído a vida negra. A escravidão foi o jugo que Plácido e seus revolucionários negros fizeram um juramento de erradicar para sempre.

Minha pesquisa revelou que Plácido estabeleceu uma relação inequívoca entre sua poesia e suas atividades políticas. Depoimentos do movimento do qual ele fazia parte, o movimento de 1844, demonstram que ele usava juramentos para atrair - a palavra que os espanhóis usavam é “seduzir” - para seduzir as pessoas para o movimento. Vou ler uma citação de um registro histórico. E tenho aqui uma imagem de um cocheiro – *la palabra en español es el calesero*

Um cocheiro cubano negro com o nome de José de la O. García testemunhou que “ele recebeu o juramento do poeta Plácido, que chamou os participantes um a um, e lhes pediu que fizessem o sinal da cruz com a mão direita, eles juraram [fazer como descrito acima]; concluindo isto, eles se retiraram, Plácido lhes cobrando que se reunissem o mínimo possível para não se tornarem [suspeitos]”.

Plácido substituiu um edifício de autoridade por outro. No evento de Plácido, o sinal da cruz era a evidência da iniciação ritual no movimento antiescravidão de 1844. O sinal da cruz, ou “signo del cruces”, era uma apropriação transgressiva do ritual católico. Ele está mudando os usos do signo da cruz. Ele usurpa a autoridade da rainha, ele quebra

a fé com a rainha e subverte a crença no catolicismo. Portanto, este é um exemplo de como as concepções africanas do universo são baseadas em um princípio de não-contradição. Ele pode usar este símbolo católico do altar, pode usar o “signo del cruces”, sem necessariamente obedecer à doutrina da Igreja Católica.

Portanto, os depoimentos do movimento antiescravidão de 1844, conhecido pelos espanhóis como “La Escalera” porque amarravam pessoas em escadas e as torturaram nelas para que seus corpos fossem expostos, demonstram que Plácido recrutou futuros rebeldes para a insurreição e se apropriou dos rituais católicos num esforço para dar um sentido de legitimidade ao movimento antiescravidão. A apropriação de Plácido dos rituais católicos em honra à Santíssima Trindade lhe permitiu erguer um edifício de autoridade.

Concluindo, Cuba renasceria como uma sociedade livre para os africanos e afrodescendentes. O cubano evoluiu neste momento – o princípio da não-contradição, isto é, em inglês: “do not enter”, “enter only”. Os cubanos de origem africana pensavam em renomear Cuba com o nome de um rei indígena - um rei indígena, chamado Atué - apenas porque os africanos renomearam Saint-Domingue para o Haiti ”.

O que o governo espanhol chamou de “a cooperação das duas raças” foi um dos grandes princípios do projeto político de Plácido. A narrativa do governo agrupou Plácido com os líderes da junta conspiratória inicial que convertia negros e mulatos livres e os compelia a fazer votos de segredo, não revelando nada a seus inimigos para que não fossem assassinados. Embora a sociedade escrava classificasse Plácido como um pardo, como um mulato de pele clara, ele rejeitou os privilégios que a hierarquia racial lhe atribuía. E Plácido defendeu a unidade racial dos africanos e de seus descendentes. Plácido defendeu a unidade racial dos “mulatos e negros”, o que era algo radical.

O juramento de Plácido enfeitiçou as autoridades coloniais porque implicava o colapso de uma hierarquia racial que neutralizava o poder político africano.

O poder de Plácido estava em sua pena. A “poética que aludia a planos contrários à tranquilidade e segurança da ilha” conferiu a Plácido o poder de disseminar ideias antiescravagistas. E seus juramentos de lealdade ameaçavam abolir a escravidão e privar sua Majestade de uma riqueza extraordinária. Plácido era uma ameaça, pois ameaçava atrapalhar a riqueza que a rainha da Espanha estava criando para sua família. Plácido havia descoberto uma maneira de deslegitimar o edifício da autoridade religiosa e política em que a Espanha confiava para escravizar os africanos e seus descendentes para sempre.

O poeta empunhava como um arquiteto do discurso a linguagem que o Padre Félix Varela teria condenado como falsa profecia. O juramento de Plácido foi revolucionário porque provocou uma crise política ao se apropriar das práticas simbólicas do catolicismo e transformar essas práticas, como o sinal da cruz – *el signo del cruces* – em instrumentos em uma guerra contra a escravidão. A poética de Plácido derrubou o simbólico e o real. Ele falou com a segurança epistemológica necessária para mudar o resultado dos acontecimentos. E Plácido lutou para reverter a destruição da terra sagrada e para abolir os danos que a sociedade escrava tinha causado na vida do povo negro.

Obrigado